

Prólogo



O vestido de casamento já estava começando a ficar puído na barra, as linhas mais frágeis se arrastando pelo chão e manchando o tecido branco de sujeira e terra. Era a quinta vez que Amaranta o usava e, apesar de apreciar os dias das cerimônias mais do que qualquer outro, ela esperava que fosse a última.

Sorrateiramente, se esgueirou pelas cercas vivas do jardim com as saias reunidas em uma mão e uma pesada tesoura na outra. As curvas e corredores de trepadeiras podiam ser intimidantes para qualquer outra pessoa, mas nunca para Amaranta. Este era seu labirinto particular. Seu refúgio e sua prisão. E ela teria que se apressar antes que Ísis encontrasse o buquê de pétalas brancas no fundo de uma lixeira. Assim que notasse sua ausência, saberia onde encontrá-la. Sempre que Amaranta sumia, desde criança, era porque estava no jardim.

Assim que avistou as enormes pétalas cor de vinho, cortou seus caules grossos. A seiva que se espalhou pelos dedos era gosmenta e fria,

e o contato deixou um rastro de pele avermelhada. Não importava, o buquê esconderia a maior parte de sua mão. Ela largou a tesoura no chão de videiras, limpou a mão na barra do vestido e fez seu caminho para fora do jardim.

A cerimônia já estava prestes a começar, todos a postos esperando por ela. Amaranta viu a silhueta de seu futuro marido contra as ondas do mar, a água violenta combinava com ele. Assim como o buquê de Rosas-do-Deserto.

Em seu primeiro casamento, Amaranta tinha encontrado seu amor com um buquê de Véu-de-Noiva em mãos, pois os minúsculos pontos brancos eram o usual na cerimônia e, naquela época, ela não sabia nada sobre o amor. Não sabia como cada amor tinha seu gosto único e particular, alguns mais amargos do que esperava.

Na segunda vez, Amaranta deixou Ísis escolher uma multitude de orquídeas, pois, segundo a mulher, eram as flores mais serenas do jardim e um bom amor deveria ser calmo e seguro. Realmente, aquele casamento tinha se tornado tedioso depois de poucos meses.

Na terceira vez que decidiu se casar, Amaranta estava certa de que tinha descoberto o problema. Ela passara a vida inteira sentindo o aroma de Corações-Sangrentos todos os dias, então é claro que uma união simbolizada por eles seria a certa para si. Tinha sido seu casamento mais duradouro, mas ao fim de um ano a paixão murchou como as flores hão de fazer.

No casamento de alguns meses atrás, na quarta tentativa, suas mãos estavam cheias de Beije-me-por-cima-do-portão-do-jardim. Os pequenos botões arroxeados eram cheios de paixão borbulhante e qualquer encontro às escondidas é mais animador. Amaranta estava precisando de animação, estava começando a perder as esperanças.

Mas rosas, é claro, eram a flor mais relacionada à paixão e Amaranta segurou seu novo buquê com as duas mãos quando apareceu em frente aos convidados. Eles se levantaram e se viraram para encará-la enquanto Amaranta andou pela grama com os pés descalços. Ela ficou grata pelo véu esbranquiçado na frente do rosto quando encarou seu prometido, tendo perdido a habilidade de sorrir de verdade após tantas tentativas sem sucesso.

Durante toda a cerimônia, Amaranta encarou o buquê de Rosas-do-Deserto, todo o discurso matrimonial ecoando longe como se estivesse sob as águas cinzentas do mar. Houve promessas, houve jóias trocadas e, enfim, seu véu foi levantado. Selando a última jura de amor da cerimônia, Amaranta encostou os lábios nos de seu marido e apertou

o buquê com tanta força que sentiu o espinho perfurar na pele.

Quando a gota de sangue caiu, Amaranta atingiu o chão ao mesmo tempo.